O ANGUSTIADO HOMEM DO RESENTIMENTO EM GRACILIANO RAMOS

Renato Nunes Bittencourt(UFRJ)
apolo_dioniso@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Proponho, ao longo deste artigo, a realização de uma exposição literária acerca do problema do ressentimento na vida humana, através do estudo do personagem Luís da Silva, protagonista do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, utilizando como base teórica a filosofia de Nietzsche. No caso do protagonista citado, percebemos a apresentação, ao longo da obra de Graciliano Ramos, de uma diversidade de sintomas psíquicos que demonstram nitidamente a presença desse transtorno psicológico na sua estrutura afetiva. Os sintomas mais nítidos de seu ressentimento se manifestam na sua incapacidade de esquecer os contratempos cotidianos e o seu desejo irrefreável de se vingar daquele que considera como o responsável pelo seu nefasto mal-estar moral, Julião Tavares. Enquanto o atormentado protagonista não consegue efetivar o seu intento vingativo, as suas forças vitais cada vez mais se diluem no turbilhão intempestivo de sua amargura existencial. Isso se dá pelo fato de que o ressentimento, além de envenenar a afetividade do indivíduo, motiva ainda a sua ruína moral, pois que, no foro do ressentido, tudo se torna legítimo para que um ato reparador aconteça, decorrendo de tal característica o desejo irrefreável de vingança que se manifesta numa personalidade ressentida. No contexto da obra presentemente analisada, a circunstância mais bizarra desse processo psicofisiológico degenerativo ocorre quando o protagonista se vinga efetivamente do seu pretenso rival: os seus tormentos morais não se esvaem de maneira alguma. Nessas condições, a motivação básica para o ressentimento de Luís da Silva se encontrava não numa causa externa, mas em sua própria afetividade, incapaz de digerir satisfatoriamente as suas vivências cotidianas.

O RESSENTIMENTO COMO PROBLEMA EXISTENCIAL

O termo “ressentimento” significa, no seu sentido original, o ato de alguém sentir novamente um determinado afeto, afeto esse motivado por uma impressão externa registrada na mente do ser humano. O ressentimento traz à superfície de consciência, portanto, os mesmos afetos sentidos numa situação passada. Trata-se de um distúrbio psicológico, pois uma personalidade ressentida tende a valorar a sua existência através se sentimentos depressivos, rancorosos. Como a pessoa ressentida não consegue dar vazão aos seus afetos reativos, ela acaba por internalizá-los, gerando assim um sentimento de fraqueza diante das causas externas que o atingem. Tanto pior, o ressentimento se encontra imediatamente associado à ocorrência de transtornos nervosos que não raro geram moléstias psicossomáticas.

Em decorrência dessa fraqueza vital, aquele que sofre os efeitos do ressentimento, impotente no que se refere à sua capacidade de agir plenamente, elabora uma compreensão tristonha e enfadonha da existência, de maneira que essa pessoa submerge em um estado de infelicidade decorrente da constatação de sua empobrecida vitalidade individual, incapaz de expressar externamente a sua própria potência intrínseca. Numa perspectiva filosófica, esse distúrbio afetivo foi analisado de forma extremamente meticulosa por Nietzsche. Vejamos algumas das contribuições que o filósofo alemão nos fornece para a compreensão dos prejuízos do ressentimento para a vida humana:

(...) E nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento. O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido – para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bílis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido em si para o doente. (...) O ressentimento, nascido da fraqueza, não é prejudicial a ninguém mais que ao próprio fraco. [Nietzsche, 2001, p. 30-31].

Na pessoa assolada pelo ressentimento, a raiva e o ódio, dois afetos motivadores da decadência fisiológica, quando não são canalizados na direção almejada, permanecem fixos na sua disposição afetiva, ou seja, alojados dentro do próprio íntimo. Tal circunstância gera nesse indivíduo prejudicado fisiologicamente um violento mal-estar psicológico, decorrente de uma espécie de compreensão da sua própria fraqueza pessoal em desenvolver suas potências vitais. Con-

forme a análise psicológica de Nietzsche acerca das profundezas da mente humana:

Todos os instintos que não se descarregam pra fora, *voltam-se para dentro* – isto é o que eu chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem *foi inibido* em sua descarga para fora. (Nietzsche, 1999, p. 73).

Para que possamos então compreender adequadamente os elementos mais intensos da narrativa de Graciliano Ramos em *Angústia*, a filosofia de Nietzsche se presta a um suporte teórico riquíssimo. Façamos então algumas considerações sobre esta obra de nossa literatura nacional.

UM ANGUSTIOSO RESENTIMENTO

Luís da Silva, um modesto funcionário público, marcado pelo respeito aos regulamentos (Ramos, 1988, p. 27), vive a sua existência cotidiana dividido entre as leituras e as divagações sobre as circunstâncias do passado que ele vivenciara tão intensamente. Já de início podemos perceber na sua personalidade uma tendência maciça pela recordação contínua de fatos passados, mesclados com os demais fluxos mentais. Julião Tavares é a adiposa figura que instiga na afetividade do protagonista a erupção dos seus mais virulentos sentimentos reativos, como se ele fosse um agulhão que aferroa cruelmente sua carne, motivando uma dor muito mais intensa do que a de um mero incômodo físico. Nas repartições públicas, no cinema, nos cafés, a voz antipática de Julião ecoava na lembrança de Luís da Silva (Ramos, 1988, p. 40). Quanto mais o protagonista tente se esquivar dessa figura repulsiva, mais esta se aproxima. Devemos destacar, no entanto, que essa relação de tensão é unilateral, pois apenas Luís da Silva nutre afetos reativos e rancorosos contra a pessoa de Julião; este, por sua vez, é indiferente ao que se passa na virulenta mentalidade do protagonista, desconhecendo totalmente o ódio terrível que este lhe nutre. Tanto pior, Julião até demonstra no decorrer da narrativa um ímpeto de se aproximar de Luís da Silva, projeto esse impedido pelo seu caráter inflamado.

Após essas divagações, cabe que façamos a seguinte pergunta: qual o motivo que leva Luís da Silva a odiar tanto a pessoa de Julião Tavares? Certamente as garras terríveis do rancor, o qual, enquanto não é represado através de uma ação efetiva, corrói o âmago da pessoa ressentida. Porém, o grande problema do homem assolado pelo ressentimento consiste na sua incapacidade de concretizar os seus objetivos vingativos contra os seus desafetos.

Esse desejo de vingança, em geral, permanece apenas no plano teórico, das maquinações sombrias do pensamento, sem que exista qualquer possibilidade concreta da reparação se efetivar. Todavia, quando numa dada ocasião ocorre a oportunidade do ressentido finalmente realizar a sua vingança tão esperada, ele acaba percebendo que de nada adiantou se empenhar na consecução dos seus ignominiosos intentos, pois a causa efetiva dos seus transtornos afetivos, do seu mal-estar psíquico, estava não na pessoa finalmente subjugada, mas em seu próprio âmago, incapaz de assimilar de maneira saudável a pluralidade das vivências cotidianas.

Mediante os afetos ressentidos apresentados pela personalidade doentia de Luís da Silva, podemos aproveitar como elucidação os comentários da psicóloga Maria Rita Kehl:

O ressentimento é uma doença que se origina do retorno dos desejos vingativos sobre o eu. É a fermentação da crueldade adiada, transmutada em valores positivos, que envenena e intoxica a alma, que fica eternamente condenada ao não esquecimento (Cf. Kehl, 2004, p. 93-94).

O ressentimento traz sempre no fluxo da memória da pessoa afetada por esse transtorno a lembrança de um acontecimento desagradável, que a constituição psicofisiológica do indivíduo não conseguiu processar de maneira conveniente: esse processo é similar ao que ocorre numa má digestão orgânica, tanto que Nietzsche considera o ressentido um dispéptico, que não consegue dar conta de suas vivências (1999, p. 47-48).

Em algumas circunstâncias, o afeto que retorna pelo ressentimento pode ser ainda mais intenso do que o afeto original. Uma pessoa que sofre uma agressão, se porventura não conseguir digerir psicologicamente essa vivência, tenderá a ruminar morbidamente essa experiência desagradável no seu foro íntimo, sofrendo de uma amargura existencial muito mais potente do que a própria dor que desen-

cadeou esse mal-estar psíquico. A lembrança de uma experiência dolorosa é mais forte do que a própria dor concreta. A dor física propriamente dita é muito menos pungente do que a dor moral decorrente da humilhação de se ter sofrido um desagravo, e tal problema ocorre pela potencialização concedida pela pessoa ressentida aos seus afetos rancorosos, decorrendo dessa tendência os elementos mórbidos. Com efeito, como poderia ser saudável o ato de se trazer para a consciência afetiva de forma insistente uma lembrança odiosa? O tipo ressentido é plenamente capaz de perceber que os seus sentimentos vingativos degeneram a sua própria vitalidade, mas ele não encontra forças intrínsecas que lhe permitam rechaçar a onda de raiva que continuamente lhe afeta. Nessas condições, essa pessoa se compraz como que numa espécie de afetação masoquista diante dessa autodestruição psicofisiológica gerada pelo ressentimento.

É muito comum uma personalidade ressentida projetar numa figura externa a responsabilidade moral pela sua própria decadência existencial, quando efetivamente é ele que deveria ser, digamos assim, “responsabilizado” pela sua própria fraqueza psicofisiológica. Todavia, a vitória completa sobre o estado de ressentimento pressupõe a capacidade do indivíduo afetado por esse distúrbio compreender que nem mesmo ele é o “culpado” por sua própria laceração afetiva. Não cabe, nessas condições, que se busque um elemento responsável por qualquer malgrado ocorrido, mas apenas que se desenvolva a capacidade de assimilação das recordações enfadonhas. Essa característica humana de se projetar responsáveis externos por infortúnios pessoais decorre de uma tradição tendência de se compreender a realidade sob um ponto de vista moral, ou, por outras palavras, “antinatural”, pois não existem regras normativas no seio da natureza, mas apenas o fluxo dos instintos. Essa compreensão moralizante surge como uma necessidade humana de se racionalizar o caráter contraditório da própria vida, a fim de se obter um razoável conforto afetivo diante das angústias da existência.

Quanto mais Luís da Silva empreende esforços para se livrar da desagradável presença física de Julião, mais este se aproxima do atormentado protagonista, como se Julião fosse capaz de intuir o grau de enfado e nojo que a sua presença causa em Luís da Silva, se aproveitando dessa repulsa para enervá-lo. Segundo o juízo do protagonista, Julião age como uma mosca, cuja única função existencial

é a de incomodar o indivíduo concentrado meticulosamente nos seus afazeres pessoais. Se mesmo um santo, vencedor dos apelos do mundo, pode ser incomodado por um inseto, por que um homem comum como Luís da Silva não poderia ser atormentado por um janota? Talvez o nível de incômodo provocado por um inseto seja mais suportável do que o desprazer gerado por uma pessoa da qual nutrimos aversão, pois o efêmero ente que é o inseto pode ser aniquilado apenas com um piparote, enquanto a eliminação física de um desafeto nos moldes de Julião é uma tarefa muito mais complexa, envolve planos, projetos detalhados que muitas vezes demoram anos para que se realizem. O tipo ressentido é um especialista em idealizar projetos de vingança, e quanto mais tempo ela tarda de acontecer, mais intenso se torna o poder destrutivo do veneno afetivo inoculado na sua alma e mais poderoso é o prazer recolhido quando a vendeta se concretiza.

Julião, no seu comportamento irritante para com Luís da Silva, age de maneira muito mais cruel do que um inimigo que visa atacar diretamente o seu adversário, pois a tática destrutiva de Julião é muito diferente da usual: ele se insinua, se infiltra mansamente, com o intuito de desenvolver aproximações forçadas com seus interlocutores; trata-se de uma típica figura sufocante, cuja única atividade é a de gerar incômodos nos demais, que, imbuídos das hipócritas cortêsias sociais, são constrangidos a aceitar as suas intromissões e pavoneios (Ramos, 1988, p. 62). Entretanto, mesmo que conseguisse finalmente se livrar da presença física de Julião Tavares, Luís da Silva continuaria sofrendo com a presença moral daquele, agitando ainda mais os seus mórbidos pensamentos. Tal como o protagonista descreve de forma tão amarga, a voz oleosa de Julião permeava seus pensamentos sem trégua, confundindo a sua ordem mental, tal como a audição de um rádio cuja programação é emitida em língua estranha (Ramos, 1988, p. 78).

O ressentimento de Luís da Silva se caracteriza por ser um ressentimento que possibilita uma abertura para a atividade, pois que, apesar do protagonista passar grande parte da narrativa despejando seus impropérios contra a pessoa de Julião, numa dada circunstância nosso atormentado protagonista finalmente realiza esse extravagante desejo de dar cabo da vida de seu desafeto, mas, conforme destacado, isso não resolve a sua insatisfação perante a vida. Tal como nos é transmitido pela narrativa de Graciliano Ramos, Luís

da Silva é um homem amargurado, que se ressentido diante da imbecilidade social e da miséria ao seu redor, uma vez que ele mesmo é uma pessoa dotada de consideráveis qualidades intelectuais. Ora, para quem é dotado de gosto pela inteligência e cultura, não há nada pior do que se encontrar rodeado de uma sociedade pobre de espírito e carente de qualquer elevação moral. Dessa maneira, ele é um ressentido intelectual, o que o afasta nalgumas circunstâncias do convívio com a massa popular, ávida de mexericos e vulgaridades cotidianas.

É importante destacarmos que nem sempre o transtorno do ressentimento se manifesta através na vida de uma pessoa através da rispidez dos costumes, pois em muitas vezes esse distúrbio pode ter os seus efeitos destrutivos atenuado pela cordialidade, tanto que Luís da Silva é um indivíduo razoavelmente benquisto por seus vizinhos e por seus colegas de trabalho. Os afetos ressentidos do protagonista raramente são externados, exceto nas circunstâncias em que o foco de sua atenção se dirige para a incômoda figura de Julião Tavares. Quando o protagonista pretende atirar os virulentos vitupérios contra o seu rival, é sempre através de argumentos contra sua aparência física, contra a sua repugnante adiposidade grudenta. As imprecisas e silenciosas do protagonista ao seu afamado rival muitas vezes beiram o cômico, pois denotam o estado de confusão mental em que ele se encontra, misturando conturbadas memórias do passado com as vivências mais imediatas do presente.

Ressaltemos que essa anarquia mental, sofrida várias vezes por Luís da Silva no decorrer do processo narrativo, evidencia nitidamente a fragilidade de seu psiquismo diante das atribuições cotidianas, denotando a corrosão afetiva gerada pelo ressentimento, que também se expressa na vida humana pela incessante repetição de uma idéia fixa, incapaz de se dissolver e ceder lugar para uma nova expressão psíquica, talvez mais favorável e pertinente do que a que tanto atormenta o ânimo. Diante dessa fraqueza vital cabal, aquele que sofre dos efeitos do ressentimento, impotente no que se refere à sua capacidade de agir plenamente, desenvolve uma compreensão triste da existência, de maneira que ele se encontra em um intrincado estado de infelicidade, decorrente da constatação de sua empobrecida vitalidade pessoal, pois tal pessoa não consegue projetar para o mundo externo a sua própria potência criativa. Quando idealizamos a rea-

lização de algum projeto, obviamente nos esforçamos para que ele venha a se concretizar. Por diversos fatores, esse projeto pode não lograr êxito. No entanto, é mais satisfatório vermos a derrocada de uma aspiração criativa do que a sua não-realização. O ressentido é aquele que vive continuamente em esperanças de vingança, mas nunca consegue efetivá-la.

Tal como Nietzsche destaca acerca da capacidade de superarmos o mal-estar do ressentimento, uma personalidade forte e bem constituída é capaz de digerir de forma plena as suas vivências afetivas, sem deixar que as suas forças vitais se extenuem mediante a constante rememoração de fatos passados (Nietzsche, 1999, p. 119). De acordo com Nietzsche, o estado de ressentimento, o qual, conforme vimos, por decorrer diretamente da impossibilidade do homem impotente em agir criativamente, dando vazão à sua força, se manifesta geralmente nos indivíduos que sofrem de uma curiosa hipertrofia da faculdade mnemônica, a qual, nessas circunstâncias, se converteria numa espécie de grande depósito de vivências afetivas e impressões psicológicas “mal digeridas” pela consciência, problema decorrente de um funcionamento ineficiente da estrutura fisiológica do corpo (Nietzsche, 1999, p. 47-48). Este problema decorreria, sobretudo, pela incapacidade do indivíduo em “saber esquecer”, ou seja, saber assimilar as impressões dos eventos que, por causa de algum motivo específico, vieram a afetar negativamente a estabilidade da sua personalidade no decorrer de sua existência, motivando, conseqüentemente, o desenvolvimento dos intensos afetos degenerativos que torturam cruelmente o seu íntimo (Nietzsche, 1999, p. 47-48). Todavia, essa oportunidade não se manifestou na vida atormentada de Luís da Silva, pois as recordações e vivências que não foram assimiladas pela sua consciência continuam a assolar as suas disposições afetivas.

Estávamos versando sobre a dificuldade de Luís da Silva “digerir” na sua consciência afetiva a inevitabilidade da existência de seu rival Julião Tavares. A idéia fixa que mais desponta nos seus pensamentos consiste na sua comparação com o rico truão, que sempre ganha vantagem em tudo aquilo que faz, sempre se destacando em todos os ambientes. Afinal, como ele, uma pessoa desprezível, um pseudo-intelectual, um almofadinho cheio de empáfia, um sujeito destituído de qualquer responsabilidade social, pode conquistar de

maneira tão calorosa a atenção dos seus interlocutores, obter os olhares lascivos das moças da cidade? Julião não possui nenhuma das qualidades que lhe atribuem (Ramos, 1988, p. 35) Ora, o poder aquisitivo realmente proporciona feitos milagrosos para aquele que o detém.

Para um indivíduo ressentido, talvez a pior afronta que ele pode receber de um rival é quando este consegue obter os favores amorosos de sua mulher, situação que é o cúmulo da desonra, segundo o seu próprio código valorativo. Essa circunstância ocorre na narrativa quando Julião, dentre todas as mulheres que ele poderia cortejar, resolve justamente seduzir Marina, a tonta namorada de Luís da Silva, aumentando ainda mais a sua carga de tormentos morais. As visitas constantes de Julião ao lar de Luís da Silva eram verdadeiras afrontas, com o intuito malévolo de obter os favores de Marina (Ramos, 1988, p. 72-73). Como os presentes e os bens materiais escoam com facilidade das mãos do janota, uma mulher tola como Marina é um alvo fácil para as investidas de tal tipo de homem. Como as relações humanas baseadas no dinheiro são norteadas pela concessão de favores, Marina se entrega integralmente para Julião Tavares, ao mesmo tempo em que se afasta da vida de Luís da Silva, um indivíduo que, ganhando parcamente pelo seu trabalho, mal pode se prover. Contudo, o resultado da impudicícia não tarda: Julião engravidara Marina, e sendo um grande crápula, não quer arcar com as consequências desse ato. Sendo assim, Julião abandona Marina em sua própria desgraça.

A ruptura do namoro entre Marina e Luís é o estopim para que este, mantendo-se na tênue linha do equilíbrio psíquico, mergulhe fundo no mar do ressentimento e do caos mental: a partir de então, pesadelo e realidade se confundem na mentalidade doentia do protagonista. É nessa atmosfera sufocante que as agruras do ressentimento se manifestam de forma mais violenta, pois nessas condições o frágil limite entre o racional e o insano se confunde de forma tenebrosa. Como a legislação social não pode reprimir um indivíduo rancoroso de projetar pensamentos vingativos contra outrem, ele encontra plena liberdade para se ressentir na sua mais violenta intensidade, mas também de sofrer, em contrapartida, a corrosão moral de seu âmago. Afinal, o ressentimento atua na afetividade humana como uma espécie de rato que corrói as entranhas.

O fato de Marina se deixar seduzir pelo janota Julião revolta horrivelmente Luís da Silva, que chega ao ponto de maquinar humilhações públicas contra Marina, as quais obviamente jamais ocorreram, pois seu ressentimento não escoia para as relações externas, permanecendo apenas na sua afetividade. Esse processo psíquico encontra analogia na narrativa através da figura dos ratos que roem as roupas de Luís da Silva, destroem os seus poemas, sujaram a sua dispendiosa. As entranhas de Luís são corroídas continuamente pelo “rato do ressentimento” (Ramos, 1988, p. 28).

O virulento rancor de Luís em relação a Marina é tão feroz que ele não consegue resistir a esse envenenamento afetivo, de modo que as ofensas contra essa moça deslumbrada e frívola são inevitáveis (Ramos, 1988, p. 146). Porém, uma das situações mais interessantes da narrativa é que o protagonista, apesar de toda a sua mágoa contra Marina, é capaz de superar essas desavenças, compadecendo-se da situação miserável em que sua antiga namorada se encontra. (Ramos, 1988, p. 146). Afinal, quem é o verdadeiro “culpado” por essa catástrofe? Segundo a vingativa ótica do protagonista, é o bem-apegoado Julião Tavares. Marina é apenas a vítima de um sistema cruel de sedução pelo luxo, pois, quando o seu uso se torna enfadonho, lhe resta apenas ser descartada pela machista lógica social, que torna a mulher um mero brinquedo nas mãos de homens oportunistas. Quando Luís da Silva se dispõe a dar cabo da vida de Julião, ele assim o faz não apenas por visar a efetivação duma vingativa reparação pessoal contra o seu desafeto, mas também como uma forma de devolver a dignidade moral para Marina, dilacerada pelo avilte praticado por Julião. Luís da Silva cria inúmeras justificativas psicológicas para extinguir a vida de Julião, considerando que o janota assim finalmente seria expulso de seus pensamentos, de sua vida:

Era evidente que Julião Tavares deveria morrer. Não procurei investigar as razões dessa necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego atravessava-me os miolos. É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma idéia que inutilizava as outras idéias. Julião Tavares deveria morrer (Ramos, 1988, p. 116).

O ressentido encontra um breve termo na sua revolta íntima quando consegue realizar a sua vingança pessoal contra um desafeto. Mas, para a sua infelicidade, os seus tormentos não se evaporam quando tal circunstância ocorre. O que fazer então? Abdicar da vin-

gança? Essa opção só vale a pena se porventura aquele que se encontra grassado pelo ressentimento conseguir processar psiquicamente os conteúdos afetivos que de algum modo o enfraquecem vitalmente. Nessas condições, talvez o melhor mesmo seja esquecer. Aprender a esquecer as vivências desagradáveis, uma tarefa difícil, mas que proporciona ao indivíduo a aquisição de um nível de qualidade de vida mais elevado do que o da pessoa ressentida (Nietzsche, 1999, p. 47-480).

Luís da Silva é um tipo humano que não sabe esquecer, ou seja, jamais desenvolveu a habilidade de organizar o fluxo de seus pensamentos e sentimentos ao ponto de obter um equilíbrio nas suas faculdades mentais, e como as circunstâncias lhe permitem efetivar suas intenções vingativas, através de uma corda surrada se concretiza o tão esperado assassinato de Julião Tavares. Vejamos bem que a sua morte não se dá por uma facada ou um tiro, mas por sufocamento pela corda, uma morte por asfixia, uma morte demasiado lenta, realizada por um homem que se regala sofregamente na corrupção existencial do ressentimento. De acordo com o juízo do protagonista, ao se matar Julião estar-se-ia prestando um grande préstimo para a sociedade, não haveria mais juvenzinhas pobres e simplórias seduzidas pelo palavreado vazio e pela abundância monetária de tal canalha. Mas, para malgrado de Luís, esse delito não lhe auxiliou de forma alguma a atenuar os seus transtornos psíquicos. Os ratos do ressentimento, portanto, continuarão a corroer as suas entranhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sociedade marcada pela importância das convenções sociais, não raro o indivíduo se encontra na necessidade de se alienar de sua própria singularidade pessoal para se adequar aos parâmetros valorativos externos. Em prol dessa submissão aos valores sociais, continuamente o indivíduo rompe com o princípio de cordialidade em relação ao próximo, para obter as vantagens materiais que anseia obter, gerando assim pessoas humilhadas e ofendidas.

Certamente o elemento terrível dessa situação é que justamente a pessoa que sofre uma ofensa necessariamente não consegue esquecer as suas vivências desagradáveis, e tal deficiência o conduz ao

famigerado ressentimento. Um mecanismo que favorece a supressão ou ao menos a atenuação do efeito degenerativo do ressentimento se encontra no ato de perdoar uma ofensa, com a condição de que a pessoa consiga esquecer as lembranças rancorosas, ou pelo menos não se deixar mais afetar pelas flutuações dessas recordações, quando elas brotam no foro íntimo. Entretanto, é digno de nota que a ordem de mundo em que vivemos muitas vezes nos impede de efetivarmos esses valores elevados, apesar de todas as prédicas éticas existentes de perdoarmos de coração os nossos ofensores, de não respondermos o mal com o mal. No entanto, o que podemos fazer com a mentalidade rancorosa, se um tal tipo de pessoa, mesmo conhecendo a devastação psicofisiológica ocasionada pelo ressentimento na sua afetividade, se regala satisfatoriamente com esse estado depressivo, prejudicial para si mesma?

Esta é a sina de Luís da Silva: apesar de ter eliminado a presença física de seu enfadonho rival simbólico, a corrosão moral do ressentimento o continua afetando, não por causa do crime cometido, mas pelo fato de que a sua existência não conhece os signos potentes de uma alegria efetiva, de uma paz de espírito capaz de harmonizar o seu neurótico fluxo de pensamentos. Mesmo que Luís da Silva terminasse com toda a mediocridade do mundo, ele continuaria sendo um tipo ressentido, pois o mal-estar da vida se encontra no seu próprio âmago. Por qual motivo mascarar então essa angústia existencial em culpados externos?

BIBLIOGRAFIA

GRACILIANO RAMOS. *Angústia*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo* – como alguém se torna o que se é. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

———. *Genealogia da Moral* – uma polêmica. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.